

O CORPO NA IDADE MÉDIA: SEXUALIDADE E TRANSFORMAÇÕES

Maria Oliveira de Souza¹
Franciele Marcelino da Silva²
Valeria Maria Santana Oliveira³

Educação



RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre as diversas transformações que a forma de lidar com o corpo sofreu ao longo da Idade Média. A sexualidade durante a Idade Média no século XII trouxe à tona questões das relações do corpo com o espaço em diferentes modalidades, num contexto histórico e cultural. Podemos afirmar que o período da Idade Média europeia foi alvo de grande produção de pesquisas e discussões com relação ao corpo. Este, portanto, passa a ter história quando passa a ser percebido de forma mais ampla por meio dos hábitos e das técnicas corporais que variam de sociedade para sociedade, e que vai desde a moda, às conveniências e os prestígios.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Sexualidade. Prostituição. Igreja. Representações.

ABSTRACT

This article aims to discuss the various changes that the way to deal with the body, suffered throughout the Middle Ages. Sexuality in the Middle Ages in the twelfth century, brought up issues of the body's relations with the space in different ways in a historical and cultural context. We can say that the period of the European Middle Ages was the subject of numerous research and discourses with respect to the body. This therefore is replaced when history comes to be perceived more broadly through the habits and body techniques that vary from society to society, ranging from fashion to convenience and prestige.

KEY WORDS

Body. Sexuality. Prostitution. Church. Representations.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva discorrer sobre as diversas transformações que a forma de lidar com o corpo sofreu ao longo da Idade Média. Nesse contexto iremos abordar e compreender algumas questões econômicas, sociais, políticas e religiosas que influenciaram diretamente nas diferentes concepções da história do corpo. Para entendermos melhor devemos olhar para a história do corpo, no período medieval, repensado suas diferentes formas e concepções, uma vez que o corpo conserva em si, os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Ora repositório de prazer, ora de dor.

Desde o século IV, a Igreja assentou seu poder para impor seus domínios sobre o pilar político-religioso, sendo a responsável pela diversidade de representações sobre o corpo, existentes durante todo o período medieval. Consequentemente, seus preceitos fizeram surgir uma nova conduta moral nos padrões culturais da época.

A importância do estudo deste tema encontra-se na compreensão da dinâmica das representações entre corpo e sociedade das tradições que se seguiram por longo tempo, impondo ao corpo a sua estrutura de comportamento e os limites de sua liberdade. Elegemos para discutir alguns aspectos relativos ao corpo, como a sexualidade e a prostituição, a partir de autores como Jacques Le Goff, Nicolas Truong, Jean Claude Shmitt e Jeffrey Richards.

2 O CORPO NA IDADE MÉDIA

O período histórico que conhecemos como Idade Média se estende do século V ao XV. Marcado pelo declínio do Império Romano do Ocidente, estendeu-

-se até o início do Renascimento e das grandes navegações. A Idade Média foi sem dúvida um dos períodos em que a sociedade europeia viveu mais estritamente a falta de mobilidade social, havia uma distinção muito clara entre nobres e camponeses, além do clero.

É importante esclarecer que as representações sobre o corpo e suas representações morais e sociais dependiam exclusivamente da classe social a que pertenciam. A partir desse contexto temos uma época formada por uma sociedade feudal, dividida por nobres, clero e servos, onde a partir desse contexto representativo, o corpo era apenas fonte de luta, procriação e instrumento de trabalho para as classes mais baixas. Na visão do Papa Gregório, "o corpo é a abominável vestimenta da alma" (LE GOFF; TRUONG, 1924, p.11). Seguindo a linha de pensamento da Sagrada Escritura, Paulo um dos seguidores do cristianismo diz que, "o corpo é o tabernáculo do Espírito Santo" (LE GOFF; TRUONG, 1924, p. 35).

Ao longo da sociedade ocidental o corpo foi transformado e fragmentado de acordo com os objetivos de poder, de tortura e de beleza, na organização política da sociedade. Trazendo numa perspectiva medieval, o corpo é representado de várias maneiras, visto desde a exaltação, até a humilhação e veneração, exercendo, portanto, papéis diferentes nos moldes da sociedade medieval.

Durante quase toda a Idade Média, o corpo foi visto pela Igreja como algo pecaminoso. Nessa postura de pensamento a igreja passou a emitir padrões durante o ato sexual, para que houvesse controle da população, e para que todos passassem a ter uma noção de pecado quanto ao ato sexual fosse praticado de forma desvairada. Com o impacto o homem medieval induzia a crer nos dogma criado pela supremacia da igreja, como o surgimento do inferno, do diabo, do purgatório e do pecado. Surgia o imaginário medieval na concepção do novo homem contraído pelo cristianismo, tomado pela culpa e o temor de ir para o inferno.

A sexualidade arrastava o homem para esse imaginário, que perdurou por um bom período. O sexo era pregado pela igreja como algo negativo na vida do homem, levando-o a decadência e impondo-lhe um único caminho de salvação o casamento. É importante compreender esses temores que nascia no período medieval, para que possamos entender que se foi necessário, na visão da igreja, para garantir seu domínio político-religioso.

O domínio da igreja ultrapassava os limites dos aspectos religiosos. Sua influência estendia-se desde o campo moral à vida familiar, incluindo a forma do ser humano pensar. Para alcançar a salvação, o homem medieval poderia renunciar aos bens materiais, e até mesmo submeter-se a torturas. Dessa forma o corpo foi submetido, pela igreja, a terríveis e pesadas regras morais:

Pois o corpo tem uma história. A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas. Da ginástica e no esporte na Antiguidade greco-romana ao ascetismo monástico e ao espírito cavaleiresco da idade média, quanta mudança! Ora, onde há mudança no tempo, há história. A história do corpo na Idade Média é, assim, uma parte essencial de sua história global. (LE GOFF; TRUONG, 1924, p. 10).

A sociedade Medieval vivia mergulhada em grandes tensões, relacionadas à imagem de Deus e do homem e, sobretudo que fazia parte do cotidiano. Mas o que nos chama atenção é a visão teórica predominante entre o corpo e alma. Em várias leituras sobre a história do corpo, encontramos o mesmo sendo arrebatado pelas doenças. Pela concepção de Aristóteles, o corpo só tem sentido se tiver em comunhão com a alma, a qual vivifica e o anima. Ambos precisam estar interligados para interagir com o mundo ao qual vive.

É nesse seguimento de ideias que abordaremos a doença do corpo. Na Idade Média, no século XII, temos a visão do homem que admite que o sofrimento faz parte da vida do ser. E designa a representação do corpo como apanhador de pecados e os padres como médicos da alma. As doenças e a dor do corpo tornam-se presentes nesse período em que a era medieval é abalada por grandes transtornos de epidemia, trazendo uma nova história para o corpo.

As epidemias na era medieval trouxeram destruições numerosas, dando ao corpo uma expressão de padecimento dos pecados. As doenças passam ser representadas no sentido mais espiritual do que carnal. O corpo sofria a dor da alma. Quanto mais tempo o corpo permanecia doente, mas o ser purificava o espírito.

Para os médicos da antiguidade, escreve o grande historiador do pensamento médico Mirko D. Grmek, "todas as doenças eram somáticas. As doenças da alma não passavam, para eles, de invenção dos moralistas. O resultado dessa tomada de posição era a divisão do campo das doenças psíquicas entre os médicos e os filósofos. Mas para o homem da Idade Média, tanto nas civilizações cristãs quanto no mundo islâmico, não era possível separar os acontecimentos corporais de sua significação espiritual. Concebia-se a relação entre a alma e o corpo de uma maneira tão estreita e imbricada que a doença era necessariamente uma entidade psicossomática". Por essa razão, a maior parte dos milagres atribuídos aos santos são milagres de cura. (LE GOFF; TRUONG, 1924, p. 108).

3 O CORPO NOS LIMITES DA MORTE

A civilização medieval era conceituada pela forma como enterrava os corpos dos mortos. Le Goff e Truong (1924, p. 91), dizem que “A maneira de viver sua vida modelada pelo estado social e as proibições religiosas variavam no espaço da cristandade e evoluíram durante a longa idade Média”. O corpo nesse período tem uma representação bastante forte no cotidiano como símbolo de aparição após a morte, são os chamados de fantasma, os mortos vivos da era medieval. Tais aparições se davam com vestimentas com as quais se foi visto pela última vez.

Por muito tempo a igreja praticava o chamado exorcismo, ou seja, a limpeza do corpo ou expulsão do espírito mal que possuía o corpo. As concepções de exorcismo utilizadas pela igreja na era medieval mostram o temor sobre a morte, uma vez que não se sabe para onde a alma se destina após a morte do corpo. As aparições dos corpos dos santos tinham significado simbólico para a igreja, seria uma forma de defender seu santuário ou transmitir informações para os que aqui ficaram sobre a passagem do corpo após a morte.

A partir do século XI, os corpos dos mortos passaram a ser venerados em forma de liturgias. Uma vez que se exaltavam apenas os corpos dos santos se fazia também necessário limitar o que estava tornando-se ritual, surgiam as cerimônias populares em um único dia, o de finados.

A separação da alma e do corpo no momento da morte justifica que o defunto apareça independente de seu cadáver, (corpo), por vezes mesmo muito longe dele. Nos relatos mais de acordo com a reflexão eclesial – que define o objeto da aparição como uma pura imagem e que pretende afastar toda “preocupação com o corpo, o defunto aparece em qualquer lugar, ao sabor da permissão de Deus”. (SCHMITT, 1999, p. 203).

4 O CORPO: SEXUALIDADE, IGREJA E PROSTITUIÇÃO

Os rituais das técnicas que o corpo reproduz trazem para o campo da história mudanças não tão somente no físico mais em todas as suas funções. Le Goff (2006, p. 15) nos diz sobre o corpo que “ele foi e continua a ser o ator de um drama.” Para a igreja, o corpo é a vestimenta da alma. É o agente que dirige e revoluciona os caminhos para novos estudos sobre o comportamento do homem no decorrer de uma trajetória influenciada pelos acontecimentos tanto social, político, econômico e cultural de cada sociedade, onde ele atua como protagonista do seu próprio tempo. Passando despercebido ou mesmo esquecido por muitos pesquisadores, assiste-se uma nova percepção do corpo, com o cristianismo.

A reflexão nesse contexto é a visão do proibido, onde o nu se torna abominável. A imagem de Jesus Cristo, crucificado, trouxe para os parâmetros dos dogmas da igreja, a glorificação do corpo por meio dos seus rituais, e incentiva a igreja olhar para o corpo transviado como pecaminoso. Assim sendo, o nu era permitido apenas entre os cônjuges, o que para a igreja era uma situação bastante perigosa, por despertar no homem a luxúria, um dos pecados condenados pelos dogmas religiosos.

O nu representava o devaneio do corpo, onde a sexualidade levava o homem ao imaginário proibido. A partir desse seguimento histórico, o corpo sai do invisível para torna-se parte do mundo espiritual. O sofrimento que nascia da visão espiritual, representava libertar a alma dos pecados produzidos pelo corpo.

A nudez permanece um problema e a sede de uma tensão mesmo depois da morte, quando os corpos ressuscitados chegam ao paraíso. Os corpos dos eleitos ficarão nus ou vestidos? Essa questão atormenta vários teólogos. Pois as duas posições são sustentadas e sustentáveis. A solução mais puramente teológica é a da nudez, já que, após o Juízo Final, o pecado original será apagado para os eleitos. Como a roupa é uma consequência da queda, não há nenhuma necessidade de usá-la. Para outros a nudez não depende tanto da teologia quanto da sensibilidade e do pudor. Contudo parece que a maioria dos teólogos optou pela nudez, mas, uma vez mais, enquadrada, codificada e "civilizada" a sua maneira pelo cristianismo triunfante. (LE GOFF; TRUONG, 1924, p. 142).

Foram vários os acontecimentos ocorridos durante toda Idade média. Mudanças que influenciaram desde o século V até o século XIX. A cada nova descoberta mudava-se o pensar da sociedade desde o modo de agir ao de ser entre tantas outras. As mudanças que mais mobilizaram o período, por sua forte representação político-religiosa, foram as transformações no plano religioso, pois no século XII a Igreja mudava a sua forma de visão sobre os fatos que a impulsionavam e que a tornavam mais poderosa.

A prostituição ganha destaque entre o século XII e XIII e a homossexualidade foi perseguida pela sociedade e pela igreja. O sexo era classificado como símbolo do pecado, dessa forma a igreja guia seus seguidores num novo rito religioso e corporal. A finalidade do sexo deveria ser apenas para procriação, sendo realizado apenas entre os cônjuges. O sexo foi algo que mobilizou bastante a igreja, onde a mesma passou a criar regras para os casais, conduzindo até mesmo as posições e os dias que os maridos podiam ter relações sexuais com suas esposas, entre várias outras regras. Tais relações nos dias santos eram proibidas, além do mais, o sexo só era permitido com vestimentas. O não cumprimento às leis impostas pela igreja seria uma violação, tendo como consequências punições gravíssimas, desde as penitências aos sacrifícios do corpo.

A masturbação chega ao domínio leis secular ditada, também, pelas leis da igreja, o homem não podia submeter este sacrilégio ao corpo, na visão da igreja, porque estava desperdiçando o seu sêmen, uma vez que, com o declínio da população abatida pela peste negra, período contundente vivenciado pela população medieval, o homem estaria desperdiçando vidas, já que o sexo tinha apenas exclusiva importância para a procriação.

Com tantas proibições da igreja perante o casamento e o sexo, foram crescendo os casos de prostituição nas cidades, onde alguns homens desviavam-se dos seus compromissos perante a esposa, buscando fora o que não podia ter em casa como prazeroso.

Foi a Igreja, a força dominante na vida moral espiritual das pessoas na Idade Média, que tomou a iniciativa de especificar que atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e de regulamentar, quando e com quem o sexo poderia ter lugar. O grau em que os objetivos dos eclesiásticos foram atingidos provavelmente jamais será conhecido com precisão. Mas, de qualquer modo, estimativas precisas do grau de conformidade das pessoas às normas sociais e sexuais são em qualquer tempo difíceis. Com tudo, a partir das ações e reações da Igreja, seus pronunciamentos e preocupações, podemos deduzir alguma coisa quanto às atitudes e práticas que os eclesiásticos estavam procurando combater. (RICHARDS; JEFFREY, 1993, p. 33).

A prostituição foi uma das profissões mais marcantes da Idade Média, envolvendo principalmente moças de classe pobre. Devido às condições financeiras, vinculados às problemáticas da época, vendiam seus corpos para sobreviver. Ressalto que essas moças eram filhas de assalariados, diaristas e operários. Além disso, existiam as viúvas e demais mulheres que tinham sofrido estupros, e que por algum motivo perderam suas posses ou *status*, passando a fazer parte dessa classe.

As famílias durante o período medieval foram as grandes influenciadoras para que suas filhas adentrassem para a vida em prostíbulo, uma forma de aumentar a renda. Havia uma idade indeterminada para que as moças iniciassem sua vida de forma profana, entre 15 e 17 anos, era a idade ideal.

A prostituição foi espalhando-se por toda a França entre o século XII e XV, tendo seu maior desenvolvimento nos séculos XII e XIII, período de criação de grande número de estabelecimento. Os bordéis eram frequentados por aqueles que estavam em busca do sexo prazeroso proibido pela santa igreja. Nem mesmo os clérigos escapavam destes estabelecimentos:

As prostitutas estavam em toda parte nas ruas e bairros da cidade, tentando arrastar clérigos passantes a força para dentro de seus bordeis. Se os clérigos se recusassem a entrar, elas imediatamente lhes gritaram pelas costas: "Sodomita"! Num mesmo único edifício, poderia haver uma escola no andar de cima e um bordel no de baixo. Enquanto os mestres ensinavam a seus pupilos na parte de cima, as prostitutas dedicavam-se a seu comércio nefando na parte de baixo. Numa parte as prostitutas batiam boca umas com as outras e com seus cafetões; na outra parte, os eruditos discutiam sobre assuntos eruditos. (RICHARDS, 1993, p. 121).

A prostituição foi um fato urbano. Quase todas as Cidades da França possuíam casas de banho, que logo depois ficaram conhecidas por bordeis ou tavernas. Algumas por se localizarem mais afastadas dos centros urbanos, eram mais barulhentas tendo um maior número de frequentadores. Nos bordéis as moças recebiam seus clientes que geralmente eram rapazes, homens e jovens não casados. Com toda crítica e pressão, a prostituição servia como uma válvula de escape para esses jovens que queriam testar a sua masculinidade, uma vez que a igreja os proibia de praticar o sexo antes do casamento.

Os jovens medievais apenas tinham acesso ao bordel na idade mínima de 18 anos, o que para as moças eram bem mais cedo. As prostitutas

[...] deveriam ser mantidas longe das áreas respeitáveis, igrejas, ruas principais e escolas. As prostitutas eram proibidas de trabalhar fora das zonas da "luz vermelha" e frequentemente proibidas de entrar nas tavernas. Nos próprios bordéis as mulheres deveriam supostamente permanecer enclausuradas, muitas vezes sob o controle de uma administradora conhecida como a abadessa. Os fregueses deveriam entregar suas armas ao entrar, embora muitas cidades italianas autorizassem a administração do bordel a possuir armas para a manutenção da ordem. Muitas vezes se recomendava aos fregueses que deixassem jóias e dinheiro com a abadessa. A admissão era seletiva e poderia ser recusada. (RICHARDS, 1993, p. 132).

Com o número bastante grande de meretrizes, foi necessário que surgissem leis para diferenciá-las das demais damas da sociedade medieval. O que as diferenciava quando saíam às ruas, as meretrizes, seria o uso do véu. A igreja para impor seu domínio, sobretudo que fazia parte da sociedade, logo tratou de regulamentar a prostituição, uma vez que não aceitava o ato, que se tornava parte do comércio medieval, tratou de impor seus limites e interesse no comércio.

A homossexualidade também esteve presente nos parâmetros da sociedade medieval. É um pouco complexo falar sobre o assunto na Idade Média, uma vez que tínhamos uma sociedade guiada e controlada pela igreja, assim sendo, qualquer ato libidinoso, que não seguisse os preceitos bíblicos, seria um pecado abominável. No período medieval a palavra "homossexual", era conhecida pelo nome de Sodomita e Sodomia, sendo que essas palavras eram usadas, também, para descrever as relações anais masculinas, servindo pra distinguir a masturbação, à bestialidade e ao sexo não procriativo que era sentir prazer sexual, que a santa igreja proibia e condenava. Em seu livro *Confissões*, Santo Agostinho, em pleno século III, nos diz assim:

Quando ao que me escreveste, é bom que o homem não toque mulher [isto é, celibato é melhor]. Mas para evitar a formicação, que cada um tenha sua própria esposa, e que cada mulher tenha seu próprio marido [isto é, a única alternativa para a formicação é o casamento heterossexual]. Quero que todos os homens sejam tais como eu sou. [...] caso, porém não possam guardar a continência, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado. (RICHARDS, 1993, p. 137).

Ressaltamos que a prostituição já existia muito antes da idade Média, sendo uma das profissões mais antiga do mundo. Seu grande auge e desenvolvimento foi no período medieval, época marcada por vários momentos que mudaram a história da humanidade, tendo como grande protagonista a igreja, que controlava toda a sociedade desde o comércio, a política, a economia e os ritos da vida privada. A prostituição como outros fatos que marcaram a Idade Média, não surgiu nem tão pouco teve seu fim nesse período. Tanto para

[...] protestantes quanto para católicos, então, a prostituta tornou-se algo a ser reprimido e não incentivado, mesmo que dentro de limites Estritamente definidos. A reação à prostituição pode ser vista, a despeito das mudanças de estratégia em relação à questão, como tendo permanecido fundamentalmente a mesma no decorrer da Idade Média, as autoridades agiram para controlá-la no início do século XIII, como parte de sua imposição geral de regulamentação e direcionamento que pode ser observada em muitas outras áreas da vida, e houve uma segunda investida de regulamentação e direcionamento como seguimento da Peste Negra. Por tudo isso, a prostituição era vista sistematicamente como um aspecto necessário da sociedade, ainda que repulsivo, o qual tinha que ser tolerado por temor de algo pior. (RICHARDS, 1993, p. 135).

Podemos afirmar que o contexto histórico político, social, econômico, cultural e religioso da Idade Média impulsionou as mudanças ocorridas na forma de se lidar com o corpo ao longo dos séculos. A igreja, com o seu modo de agir e manipular conseguiu durante muito tempo dar uma visão para o corpo como algo pecaminoso, quando voltado para a questão da prostituição que ganhou ênfase durante o período medieval. Submetendo os fiéis a dolorosos castigos e sacrifícios ao próprio corpo, caso contrariassem as ordens e leis da santa igreja. O presente estudo buscou demonstrar uma visão geral sobre a representação do corpo, envolvendo a visão da igreja, da sociedade e de várias situações que envolveram esse período, mostrando de forma clara que o corpo sofreu e sofre representações nos diversos tipos de acordo com a sociedade e com a época.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média.** Tradução Marcos Flaminio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEGOFF, Jaques. **Em busca da idade média.** Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RICHARD, Jeffrey: **Sexo, desvio e danação:** as minorias da Idade Média. Tradução Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na idade média.** Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SCHMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Data do recebimento: 05 de maio de 2015

Data da avaliação: 16 de julho de 2015

Data de aceite: 11 de agosto de 2015

1. Graduanda em História pela Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Centro. Aluna de Projeto de Extensão/PROBIC/UNIT. E-mail: maryaqtu@hotmail.com.

2. Graduanda em História pela Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Centro. E-mail: france_0403@hotmail.com

3. Doutoranda em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (2008) e graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) (2005). Atualmente é professora de educação básica – Secretaria Estadual de Educação de Sergipe e professora da Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: profa.valeriaoliveira@gmail.com